

NÓBREGA, Padre Manuel da (1517-1570)

*Berty Ruth Rothstein Biron**

Uma das figuras mais conhecidas da Companhia de Jesus no Brasil, Manuel da Nóbrega nasceu em 18 de outubro de 1517, na aldeia de Sanfins do Douro, norte de Portugal, na região de Trás-os-Montes, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 18 de outubro de 1570. Era filho do desembargador Baltazar da Nóbrega e sobrinho de um chanceler do Reino, porém o nome de sua progenitora é desconhecido. A respeito, Simão de Vasconcelos informa apenas que eram “nobres e virtuosos” os pais de Nóbrega (Menezes, 1978, p.481). Com apenas 17 anos, ingressou na Universidade de Salamanca. Retornando à terra natal em 7 de novembro de 1538, inscreveu-se na Universidade de Coimbra, onde, três anos mais tarde, em 14 de junho de 1541, obteve o grau de doutor em Direito Canônico e Filosofia. No mesmo ano concorreu a um cargo no Mosteiro de Santa Cruz, mas foi preterido em favor de um candidato de maior prestígio, escolha esta que provavelmente se deveu também ao fato de Nóbrega ser gago, o que justifica a alcunha de *Cavaleiro da Triste-Fala*.

Ordenou-se em 21 de novembro de 1544. Mais tarde, chefiou a primeira leva de jesuítas que aportou na Bahia com o governador Tomé de Sousa, em 1549. Essa comitiva era composta dos seguintes religiosos: Leonardo Nunes, João Aspilcueta Navarro, Antônio Pires e os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jácome.

Manuel da Nóbrega foi, sem dúvida, a primeira grande figura da Companhia de Jesus no país. Em 1553, com a constituição da província do Brasil, foi nomeado primeiro Superior e Provincial da Ordem. Prestou grandes serviços à Coroa Portuguesa durante o período, especialmente no que diz respeito à colonização da terra recém-descoberta. Amigo de Tomé de Sousa e de Mem de Sá, colaborou

* Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Algumas publicações: “*Memória e Reencontro*”, Revista Morashá, 8, setembro 1997; “*As Personagens Femininas na Eneida*”, Revista da Universidade Católica de Goiânia, Goiânia, v. 24, NB-4, julho/dez/1997. Autora do verbete: *José de Santa Rita Durão*, Revista Convergência Lusíada 20. Membro do Pólo de Pesquisa sobre relações Luso-Brasileiras e integrante do Núcleo “Manuscritos e Autógrafos”.

na fundação da cidade de Salvador (BA), tendo concorrido ainda para a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Viajando incansavelmente pelo litoral, distribuiu seus companheiros pelas capitanias de Pernambuco, Porto Seguro e São Vicente. Em 1553, durante uma tempestade, foi salvo pelos indígenas. No ano seguinte, juntamente com Anchieta, fundou o Colégio São Paulo do Campo de Piratininga, que logo se transformaria no centro de todos os movimentos de catequese do sul do Brasil. Dessa forma, lançou as bases para a futura cidade de São Paulo. Tomou parte no conflito entre portugueses e franceses no Rio de Janeiro, colaborando com Mem de Sá na expulsão dos franceses. Já em 1567, passados dois anos da fundação da cidade do Rio de Janeiro, Nóbrega foi responsável pela criação do colégio desta cidade.

Podem-se atribuir a Manuel da Nóbrega as seguintes iniciativas: a catequese, o ensino aos meninos órfãos mandados de Lisboa e aos pequenos indígenas, incluindo-se a educação ministrada aos colonos. Escreveu também diversas cartas para a Ordem, dando notícias da terra – com ênfase na conversão dos indígenas – e informando sobre a gente da colônia e de sua educação.

De sua autoria são as seguintes obras: *Informações das Terras do Brasil* (1549) e *Diálogo sobre a conversão do gentio* (1557-1558). Sobre esta última é interessante observar que o diálogo é um recurso utilizado por pensadores que buscam atingir a verossimilhança e principalmente a persuasão. Na obra de Manuel da Nóbrega é evidente o aspecto doutrinário. Sua linguagem é direta, clara e objetiva, revelando o espírito do jesuíta: pragmático, centrado na realização imediata, o que resultava na imposição de uma disciplina rígida. Mas o que fica evidente em todo o seu trabalho e nos métodos que utilizava pode ser assim resumido: a determinação de converter os indígenas ao catolicismo; a eliminação do canibalismo; a proibição de guerras não autorizadas pelo governador; o estímulo à monogamia e à adoção de hábitos civilizados, como o uso de roupas; o afastamento dos feiticeiros; a manutenção da ordem e da justiça, bem como o incentivo à fixação tanto de colonizados quanto de colonizadores, com vistas à formação de núcleos populacionais. Enfim, Nóbrega reprovava a conduta dos colonos, pela obsessão sexual destes em relação às nativas, motivo por que pediu à Coroa mulheres brancas para casá-las com os portugueses que aqui se radicaram.

A respeito do conjunto da obra de Manuel da Nóbrega, Serafim Leite considera:

Sob o ponto de vista estritamente literário, nenhuma produção do século XVI, escrita no Brasil, possui o vigor concentrado desta, de fundo sério, de ética social e religiosa, sem assomos de mau gosto ou leviandade. Tudo bem proporcionado com transições dialogais expressas com naturalidade. E sem retórica (LEITE, 1954: 49).

Massaud Moisés, ao analisar as primeiras cartas de Manuel da Nóbrega, afirma que se trata apenas de “missivas-relatórios” (Moisés, 1983, p.29), sem cunho literário. Mas, com o passar do tempo, essa linguagem foi progressivamente apresentando características literárias, o que, no entanto, ainda não era suficiente, segundo o mesmo autor, para equiparar Nóbrega aos demais escritores portugueses da mesma época, ou com o padre Antônio Vieira, pertencente à mesma Ordem.

Cabe ressaltar a intenção doutrinária do religioso, constituindo a marca de sua atuação, presente no estilo e nas falas das personagens, bem estruturadas e articuladas. A respeito dos indígenas, Nóbrega afirmou que “eram como papel em branco”, no qual se poderia escrever, ou seja, ensinar a religião e a cultura portuguesa. Por julgá-los bem mais dóceis às mudanças de credo, se comparados aos judeus e aos romanos, considerava os indígenas aptos à conversão, o que corroborava o projeto maior de evangelização, coerente com a ótica do conquistador português, que via no Brasil a possibilidade da expansão territorial e da doutrina cristã. E isto, segundo o pensamento do religioso, demandava a criação de condições facilitadoras desse processo de evangelização.

Do ponto de vista histórico e sociológico, vale lembrar a importância das *Cartas do Brasil*, um dos primeiros documentos acerca da terra recém-conquistada, obra, portanto, essencial para os estudiosos do Quinhentismo do país. Prevalece na sua escrita o senso prático, o caráter objetivo e pragmático. Sobressai ainda o espírito de disciplina, traço distintivo do administrador, que documenta as atividades dos jesuítas nos serviços das missões, bem como oferece preciosos relatos sobre a colonização portuguesa no século XVI.

Bibliografia

- ANDRADE, Almir de. *Os Primeiros Estudos Sociais no Brasil*. Séculos XVI, XVII e XVIII. Vol. I. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. Vol. I. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1983.
- NÓBREGA, P. Manuel da. *Diálogo sobre a Conversão do Gentio*. Com preliminares e anotações históricas e críticas de Serafim Leite S.I. Edição comemorativa do IV Centenário da fundação de São Paulo. Lisboa: União Gráfica Lisboa, 1954.
- VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- VIANNA, Hélio. *História do Brasil*. Período Colonial. Vol. I. 6.^a ed. revista e atualizada. São Paulo: Melhoramentos, 1967.